

Minhas senhoras.

Senhores meus.

A aspiração de uma patria livre, isenta do jugo vexatorio dos povos <sup>de qualquer</sup> ~~es-~~ <sup>travizados,</sup> ~~aspiração~~ <sup>política</sup> que teve o seu epilogo brilhante nas margens placidas do Ipiranga, nasceu, nos brasileiros, desde o dia em que a sua consciencia despertou para a vida.

A Conjuração Mineira nada mais foi que a manifestação clara dessa aspiração constante de uma raça que se formava, consciente dos seus destinos.

Tenha ella sido embóra, como alguns a chamaram, por escárneo, uma conjuração de poetas, o que vem a ser o mesmo que uma conspiração de idealistas, o certo é que ella exprime fielmente que o ideal da emancipação não é mais uma simples theoria, uma pura abstracção, mas <sup>concreto</sup> um facto verdadeiro, que, mais dia, menos dia, devia fatalmente realizar-se. Ella ficou na nossa historia como a alvorada <sup>pitoresca</sup> ridente, precursora de um dia glorioso, que não estaria longe a raiar, nos horizontes da nossa Patria. O sangue de Tiradentes, tão <sup>abundante</sup> liberal e prodigamente derramado em proff da causa nacional, <sup>foi</sup> a semente fecunda que ~~mais tarde se transformou~~ <sup>em arvore, se desdobrou</sup> em ramos, produzindo desejados fructos.

A trasladação da Córte portugueza para o Brasil, se ~~de~~ <sup>de</sup> um lado ampliou o circulo dos nossos privilegios, nos trouxe-instituições, por nós ainda não conhecidas; ~~de~~ <sup>de</sup> outro contribuiu, poderosamente, para accentuar mais o já profundo sulco de antagonismo, existente entre os dois povos, que aqui cohabitavam.

A consciencia brasileira illustrava-se agora, ao contacto daquella sociedade promiscua de palacianos corruptos, que acompanharam D. João VI a esta parte do hemispherio, e á preferéncia odiosa que o monarcha manifestava pelos reinões, com prejuizo de brasileiros illustres, no preenchimento dos cargos publicos.

Ouçamos, a este respeito, o testemunho verídico de um dos mais reputados historiadores patricios: "Com a familia real, immigraram para o Brasil, ás chusmas, portuguezes arruinados pela invasão da península. As legiões de serventuarios, de letrados, de militares, de favoritos e apaniguados de toda a ordem, enchiam as repartições; e, para accomodar todo esse mundo de inúteis, ia a Córte multiplicando as sinecuras, e sem dissimular uma preferéncia



quanto os filhos da terra, excluidos do funcionalismo e tratados ainda como colonos ou como raça inferior e conquistada, andavam sentindo, cada vez mais fundo, que com o sonho da patria futura era incompativel o estado de coisas que subsistia com a mudança da séde de governo; e a propria realidade se mostrava como instituição infensa a seus destinos."

É simplesmente doloroso o espectáculo que nos apresenta uma sociedade que vive, toda a sua vida, a sonhar com utopias; que se alimenta, exclusivamente, da esperança de um futuro melhor e que, depois de tantos annos de sonho e de esperança, <sup>por todo o parte a mesma quillera fongada</sup> vê ~~permanecer; senão~~ <sup>o mesmo</sup> ~~peior, ao menos no mesmo grau,~~ <sup>o mesmo</sup> ~~o estado anterior de coisas,~~ <sup>com a aggravante a mais de,</sup> ~~com a aggravante a mais de,~~ <sup>pelos signaes fu-</sup> nestos do presente, ~~dever esperar unicamente por um futuro mais funesto~~ <sup>de e para o futuro, o futuro a lhe custar a por uma outra funsto.</sup> ainda! Tal era o estado da sociedade brasileira dessa época.

Se o portuguez era, até essa data, tolerado no Brasil, passou, desde então, a ser odiado pelos naturaes da terra, dada a arrogancia e desprezo com que os tratava. Tudo o que era da terra nenhum valor tinha. Só as coisas da metropole eram dignas de apreço para aquelles homens.

Nada mais irrisorio do que ver a empáfia com que os ignorantes taverneiros portuguezes, á ultima hora elevados á dignidade de fidalgos por D. João VI, alludiam aos factos e coisas da sua terra, falavam da sua illustissima linhagem, ostentavam, á luz meridiana, no alinho e fausto das vestes, o seu alto gráo de nobreza.

D. João, passou, no Brasil, como uma figura grotesca de comedia, <sup>oudebo D. Guizot,</sup> um leuço vulgar, possuido da mania pueril das honras e distincções. "Tal foi o excesso dessa liberalidade, diz com razão Armitage, que no periodo da sua administração concedeu mais insignias e honrarias do que todos os soberanos da sua dymnastia conjunctamente."

Esse esbanjamento de honrarias não podia deixar de repercutir funestamente, como em verdade repercutiu, na vida financeira da nação, de cujos cofres saia o necessario ao sustento daquella côrte vil de adulaadores. Ainda se os attingidos pela munificencia real fossem cidadãos prestimosos, dignos de taes distincções, com preterição embora dos nacionaes, encontraríamos um motivo para justificar tal proceder, e apenas nos restaria a deplorar o grande abalo soffrido nas nossas finanças. Mas, ao revés, D. João parecia empenhado em galardoar a escoria da sociedade portugueza.



"As antigas dignidades, escreve João Ribeiro, a que estavam ligados os meritos, os serviços, a responsabilidade ou a virtude foram logo esbanjadas entre pessoas equivocadas e nullas. E, continúa, milhares de pessoas alheias e indifferentes á religião ou aos deveres militares eram naquella epoca feitas subitamente cavalleiros de Santiago ou commendadores de Christo, offendendo-se assim o decoro da tradição, menoscabando o espirito das instituições e fazendo grande mal aos proprios agaloados, mercieiros e rusticos que, empavesados com os novos titulos, abandonavam o trabalho util e, por si ou sua descendencia, encostavam-se ao orçamento".

Taes factos só podiam provocar, como de facto provocaram, a indignação e revolta dos nossos compatriotas.

A grande illusão que alimentou uma parte da nação, de que o estado de coisas melhoraria, com a vinda de D. João para o Brasil, estava agora desfeita com o procedimento incorrecto e futil do monarca portuguez. A ninguem mais era licito, em face de taes acontecimentos, a ninguem, repito, que fosse brasileiro e amasse verdadeiramente a sua patria, era licito pensar numa fórmula conciliatoria de governo, em que figurassem o Brasil e Portugal juntos. A solução unica, aquella que a logica ferrea dos factos impunha á nossa gente, não podia ser outra, senão o desligamento total, numa palavra, a independencia da nação brasileira.

Á myopia politica de D. João não passou isto despercebido, como o revelam as palavras com que se despediu do filho, ao regressar para o reino: "Pedro, o Brasil brevemente se separará de Portugal; se assim fôr, põe a corôa sobre a tua cabeça antes que algum aventureiro lance mão della."

É verdade que depois, obrigado pelas Côrtes, que o faziam de juguete, D. João fez <sup>empresenda</sup> tudo para conservar o Brasil, sujeito ao dominio de Portugal. Mas os seus esforços, neste sentido, se frustraram.

Se de um lado, a consciencia nacional estava convicta de que a unica trajetória, a seguir, era a da emancipação politica; de outro, a falta de diplomacia dos representantes do poder lusitano contribuiu eficaz e poderosamente para o rompimento definitivo.

Sciendes agora do ideal brasileiro, começam as Côrtes as suas odiosas represalias contra o Brasil.

Um decreto desliga as provincias da obediencia a D. Pedro e as faz depender,



As Juntas, organizadas nas provincias, concorrem para augmentar mais a discordia, já de si grande, que reinava por toda a parte. Enquanto umas, obedecendo ao decreto, passam á dependencia immediata das Côrtes; outras cumprem, exclusivamente, as ordens emanadas do Principe Regente.

A causa nacional empolga os espiritos. O ideal da emancipação lateja em todos os cerebros.

No Rio de Janeiro, o entusiasmo arrebatava os animos, depois da eleição dos deputados que deviam defender os nossos interesses perante as Côrtes portuguezas. Quando os nossos patricios viram sair das urnas os nomes gloriosos de Antonio Carlos, Feijó, Campos Vergueiro e tantos outros, convenceram-se effectivamente de que era propria voz da patria, sacrificada ás ambições de uma politica torpe, que se iria ouvir nos paços de Lisbôa, que a causa brasileira era uma causa francamente triumphante. E não se equivocaram os nossos patricios,

Apezar da minoria em que se achavam e de luctarem com uma Côrte, por principio, infensa a qualquer medida, tendente a favorecer ao Brasil, os nossos representantes não desanimam.

As discussões tornam-se acaloradissimas na assembléa portugueza.

As Côrtes não podiam conceber outra união politica com o Brasil, fóra do regimen absolutista da sujeição total e humilhante. Fernandes Thomaz chega a declarar á face da deputação brasileira: "Se o Brasil quizer ficar unido, fique; mas ha de ser com esta condição; do contrario, separe-se..."

Já sabemos, senhores, que ao Brasil não convinha ~~mais~~ nenhuma união politica com Portugal, quanto mais sob o regimen absolutista. Era, porem, mistér temporizar.

As palavras de Campos Vergueiro que pedia aos nobres deputados lusos lhe mostrassem as vantagens <sup>daquelle</sup> união para nós, levantaram no recinto da assembléa uma tremenda celeuma. Borges de Medeiros, perdendo a compostura, já não di-  
de um representante da nação, mas de um homem medianamente educado, irrompe numa formidavel verrina contra o Principe Regente e os seus partidarios. Fala, com desdem, da população do Brasil, inclinada á anarchia em consequencia de a constituirem "negros, mulatos e brancos creoulos..." Não se cansa de vomitar a sua bilis de tribuno saboreado pelo vulgacho contra os nossos compatriotas. Contra os facciosos e rebeldes clama elle mostre-se que ainda temos o de



fila ou leão tal que se o soltarmos, ha de trazel-os a obedecer ás Côrtes, ao Rei e ás autoridades constituidas no Brasil por aquellas e por estas."

Essa ousadia e atrevimento do tribuno Lusitano não podia nem devia passar, sem a resposta causticante e intrepida dos nossos representantes.

"Advirtos ao illustre deputado, replica Villela Barbosa, que lá (no Brasil) tambem se sabe açaimar cães; que nas veias dos brasileiros tambem gira sangue portuguez, e que já hoje alli se não hão de receber leis com o arcabuz no rosto."

E Lino Coutinho vae um pouco mais longe: "Contra os cães atiraremos onças e tigres."

Nenhum dos nossos deputados, porem, ultrapassou, em violencia e audacia, a Antonio Carlos: "Declaro, respondeu, que o Brasil não está em estado de temer as fatuas ameaças com que o pretendeu intimidar o sr. Borges Carneiro: para cães de fila ha lá em abundancia pau, ferro e bala; e nem nos podem assustar cães de fila aos quaes fizeram fugir dentadas de simples cães gozos." Com isto, queria alludir á divisão auxiliadora que para aqui viera, no intuito de proteger os portuguezes e que, á ameaça da nossa milicia, mal armada, medrosa regressou a Portugal.

Assim se movimentavam os debates, na assembléa portugueza.

Dois decretos, emanados da Côrte, aqui estouram como tiros de bombardas, a annunciarem a lucta proxima: um, supprimindo os tribunaes que D. João creara e outro, chamando o Principe a Europa, sob o futil pretexto de aprimorar a educação. Por elles, se via o proposito deliberado das Côrtes de afastar D. Pedro, do Brasil. Sabiam que elle era sympathico á causa brasileira da emancipação, importava, por conseguinte, removel-o daqui, o mais depressa possivel.

Os chefes do partido nacionalista põem-se abertamente em campo. Representações populares chegam de varias provincias, pedindo ao Principe que não parta e tome, sob sua protecção, a causa do Brasil.

A 29 de Dezembro (1821), uma patriotica mensagem, assignada em poucas horas por cerca de oito mil pessôas, é dirigida ao Regente pelo Senado da Camara. E a 9 de Janeiro do anno seguinte, encaminha-se a corporação reunida, acompanhada de enorme massa popular, ao paço da cidade, onde a recebeu solennemente o Principe D. Pedro.

Um historiadôr nosso dá-nos conta, em poucas palavras, do que foi esse cor-



curso de notaveis que o cercavam, no meio de immensa multidão dir-se-ia maravilhada daquelle cerimonia com que o povo brasileiro ia affirmar a sua capacidade de soberania e o seu intento de fazer-se nação. O prestito era numeroso; todos em grande gala, cabeça descoberta, em duas alas, indo á frente alçado o estandarte da Camara, foram descendo pela rua do Ouvidor, a passo lento..."

Do destemor com que marchavam, diz-nos o Dr. Mello de Moraes: "Os homens bons do Rio de Janeiro, seguros da sua consciencia e confiando nos seus direitos, desarmados e sem nenhum acompanhamento de força material, marcharam pelas ruas desta cidade então opprimida pela força bruta, e sem nada temerem foram depositar nas mãos do Principe a representação do subdito fiel e do cidadão honrado. Foram dizer ao Principe que se elle obedecesse aos subversivos decretos das Côrtes, ficaria responsavel perante Deus e os homens pelas consequencias desse seu acto."

Coube a José Clemente Pereira, presidente do Senado, interpretar os sentimentos da corporação e do povo, alli reunido. No seu discurso, que foi um discurso cheio de energia e de patriotismo, depois de falar a D. Pedro acerca do estado de agitação dos espiritos e desordens que já se faziam sentir, assim conclue: "Exige, portanto, a salvação da patria que V. A. R. suspenda a sua ida..." Em seguida, fez-lhe entrega das representações que lhe haviam sido confiadas.

Era vontade de D. Pedro, como sabemos, ficar para sempre no Brasil. Mas para isto necessitava consultar a consciencia brasileira. Depois de sua manifestação pela voz eloquente e franca do presidente do Senado, nada mais lhe restava a fazer que repetir, o que effectivamente fez, as palavras que todos nós conservamos religiosamente na memoria, porque ellas encerram a primeira resistencia formal ás ordens da velha metropole, o passo decisivo para a <sup>nossa</sup> independencia: "Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, estou prompto, diga ao povo que fico." "Por esta resposta, assevera Rocha Pombo, D. Pedro rompeu decisivamente com as Côrtes e tomou a causa dos brasileiros." Em seguida, á solicitação do povo, dirigiu-se o Principe a uma janela do paço, de onde falou á multidão que, delirante, o ovacionava, reclamando-lhe: "união e tranquillidade."

O repto ao governo de Lisbôa estava lançado.

Mal se haviam escoado dois dias, dos tres destinados aos festejos de comemoração daquelle acto do Principe, acquiescendo de boamente á vontade popu-



saltada, preparava para burlar a resolução tomada por D. Pedro. Com effeito, em conselho havia deliberado a guarnição portugueza, tendo á frente o seu commandante Jorge de Avilez, fazer que o Principe rebelde obedecesse ás ordens emanadas de Lisboa. No intuito de acirrar os odios da soldadesca contra o Regente, não deixou a officialidade lusitana de lançar mão dos mais feios ardis. Fez circular o boato de que D. Pedro, para proteger o partido nacionalista brasileiro, acintosamente havia dispensado Avilez do governo das armas. Assim recompensava o Principe a fidelidade de um leal servidor do seu Augusto Pae.

Sabedores do que faziam os officiaes portuguezes, por sua parte exaltaram-se os nossos e, convocando os generaes Curado, Oliveira Alves e Nobrega, incitaram-n'os a repellir a affrontosa prepotencia do governador das armas e a cercar o Principe de todas as garantias necessarias ao cumprimento da sua resolução. O movimento de hostilidade contra Avilez attingiu logo, diz um historiadore, a mais de seis mil pessoas

D. Pedro faz-se então arbitro unico de toda a situação. Só elle, intrepito, a enfrenta.

Os proprios ministros, que antes haviam votado pela desobediencia ás Cortes, á vista das difficuldades que se levantavam, tornam-se tímidos, medrosos.

Acceptando os serviços que lhe offereceram os generaes patricios, ordena-lhes que reunam, nos quarteis do Campo de Sant'Anna, os regimentos de linha e os corpos de milicianos, e estejam promptos ao primeiro signal de rebate. Desligam-os do governo das armas e recommenda-lhes que só obedecam ordens emanadas directamente da Regencia.

Avilez, fingindo ignorar o que se passava, dá ordens aos officiaes e praças brasileiras alli congregadas, que se recolham immediatamente á residencia habitual e restituam ao competente deposito as peças de artilharia do arsenal de guerra.

Á resposta energica dos generaes de que só obedeciam ordens emanadas directamente da Regencia, dirige-se Avilez, despeitado e ruminando vingança, a S. Christovam, a fim de apresentar ao Principe uma queixa formal contra as indisciplinadas forças nacionaes.

D. Pedro acolhe-o com reservas e não termina a audiencia sem primeiro des-  
tituil-o do governo das armas. Assim sorpreso viu <sup>Avilez</sup> realizar-se effectivamente o boato falso que fizera circular.



Vibrando de odio impotente, Jorge de Avilez combina com os seus sequazes um plano machiavelico contra a pessoa do Principe. Consistia em prender o Regente, no recinto do theatro, no momento em que calma e despreocupadamente assistisse ás representações. Ahi seria facil colhel-o de surpresa, sem que as forças do Campo de Sant'Anna tivessem tempo para soccorrel-o. Uma vez preso, fal-o-ia embarcar immediatamente para Lisbôa.

Para o feliz exito do seu plano, contavam os conjurados com a coragem de D. Pedro, coragem, que nos lances difficeis, assumia as proporções de verdadeira temeridade. Convictos estavam de que o Principe, apezar daquelles ares de tormenta, não deixaria de comparecer ao theatro. E, com effeito, não se enganaram.

Á noticia de que "magotes de soldados portuguezes", em vozearia assustadora, andavam, pelas ruas, quebrando luminarias, espalhando terror, desconfiou de que estaria acontecendo nos quartéis. Desde o começo das representações dera pela ausencia de Avilez. O que estaria fazendo áquella hora o general portuguez?

Chamando ao seu camarote o brigadeiro Carretti, mandou que fizesse immediatamente recolher aos quartéis os soldados indisciplinados.

Quasi ao finiar o espectáculo, espalhou-se a noticia de que a tropa portugueza se punha em marcha, na direcção do theatro. D. Pedro abandona incontinenti o recinto, e dirige-se apressadamente a S. Christovam, onde passou toda a noite a expedir ordens para uma offensiva, na manhã seguinte. E a cidade do Rio viu passar aquella noite sob uma impressão lugubre de pavor. "Era, escreve alguém, como se <sup>a</sup> um alarme geral se tivesse posto em alvorço toda a cidade".

Sciante de que o Principe já não se achava no theatro, a guarnição lusa retrocedeu para o quartel, sem nehum incidente, digno de registo.

Decidido a levar adiante o seu proposito de obrigar o Regente á obediencia ás Côrtes, Avilez toma posição, com os seus regimentos (á excepção do 3º de caçadores, aquartellado em S. Christovam), no alto do morro do Castello, fazendo tambem guarnecer "o litoral da cidade entre o arsenal de guerra e da marinha."

Não podia ser melhor o ponto estrategico escolhido pelo general portuguez. D'ahi dominava toda a cidade, dando-se conta assi mesmo de tudo que nella se passava.

No Campo de Sant'Anna, o mesmo espectáculo bellico se offerencia á contemplação dos habitantes da cidade, ansiosos pelo resultado da peleja. Eram tro-



pas da 1ª linha que haviam ficado fieis ao Principe, regimentos de milicianos e batalhões patrióticos, á ultima hora organizados, em francos preparativos para a resistencia.

Não imaginava Avilez que pudesse o Principe dispor de tantos elementos para a sua defesa. Já se censurava da sua imprudencia. Via-se numa situação precarissima, insustentavel. Temia de um lado incorrer no desagrado de El-Rei, offendendo-lhe o filho; de outro, nenhuma autorização das Côrtes recebera que justificasse aquella sua attitude.

Taes considerações e a perspectiva de uma lucta, cujo exito era para elle muito duvidoso, o demoveram a acceitar a intimação que o Principe lhe fizera, por meio de um emissario. Concordeu em retirar-se para a Praia Grande, onde esperaria as tropas que o deviam render, para depois regressar a Europa.

<sup>Nu</sup> Em Praia Grande procurou, a todo custo, procrastinar a partida. Era plano seu aguardar os reforços que havia solicitado á metropole, bater as forças nacionaes, aprisionar o Regente e envial-o preso para o reino. Tal ardil, porem, não passou despercebido a D. Pedro que, decidido a acabar, por uma vez, com aquella situação, perturbadora da tranquillidade publica, fez vir a bordo da fragata União, onde se achava, o general Avilez e varios officiaes superiores, e lhes declarou peremptoriamente que "ou se embarcariam por bem, ou seriam tratados como rebeldes, e a ferro e fogo os obrigaría a cumprir a ordem dada." Ante tal ameaça, tanto mais seria, porque conhecia <sup>mu</sup> bem a indole do Principe, <sup>co</sup> achava <sup>am</sup> de bom aviso acceder ás suas exigencias e partir, sem demora, para Portugal. "Estava a causa dos patriotas, escreve Rocha Pombo, desembaraçada daquelle grande entrave. A população respirou, e D. Pedro sentiu-se livre agora para seguir desafogado o seu destino."

É então que surge, nos horizontes da politica nacional, a figura <sup>homerica</sup> ~~heracleana~~ de José Bonifacio de Andrada e Silva. Já havia militado na politica de ultramar e conhecedor, de perto, da venalidade e bajulação dos homens que cercavam D. João, resolvera-se a voltar para o Brasil ~~em~~ nunca mais tratar de negocios que cheirassem a politica. Brasileiro de rija tempera, servido a mais por uma intelligencia lucida, de uma illustração fóra do commun, o prudente e sabio paulista parecia o homem talhado por Deus para dirigir os destinos da nação, naquellas difficeis circumstancias.

Em seus primeiros actos foi inspirar a D. Pedro a convocação de um conselho de Procuradores Gerais de Provincia com o objecto de um conselho



Constituinte. Assim respondia o Príncipe aos decretos intempestivos das Córtes.

A 21 de Fevereiro, baixa um decreto pelo qual se proíbe serem executadas, no Brasil, leis portuguezas, que não tenham o exequatur da Regencia. Logo depois uma carta circular é expedida a todos os governadores de provincias maritimas, vedando o desembarque, no territorio nacional, de forças portuguezas. Assim, a pouco e pouco, ia o Brasil se desligando do jugo despotico da velha metropole.

Não satisfeito, José Bonifacio toma a iniciativa de organizar as nossas forças. Elle sabia que direito que não se escude na força, é direito nullo. Fala ao sentimento do povo, exhorta-o, com palavras repassadas de patriotismo e de fé, a que se aliste nas fileiras do exercito. Dirige um appello aos governadores de S. Paulo e Minas, em que lhes solicita a remessa de tropas para garantir o Rio de Janeiro contra os possiveis ataques do inimigo.

A 9 de Março, chega ao Rio uma esquadra, composta de cinco navios de guerra, sob o commando do vice-almirante Francisco Maximiano, com os reforços pedidos por Avilez. A essa inesperada noticia, toda a cidade se enche de alvoroço. D. Pedro, porem, se julgava aparelhado para enfrentar qualquer tropa portugueza que aqui, contra as suas ordens expressas, tentasse desembarcar. Com a energia e coragem que todos lhe conheciam, intima o commandante a fundear entre as baterias de Sta. Cruz e de S. João, e vá á terra falar-lhe.

Francisco Maximiano não ousa oppôr-se ás exigencias do Príncipe e concorda em retirar-se, tendo antes desligado, conforme imposição de D. Pedro, dos respectivos corpos as praças que preferissem ficar, no Brasil, incorporadas aos regimentos de terra. O que se suppunha um mal, redundou, deste modo, num grande beneficio á causa nacional.

Do outro lado do oceano, o assombro e a indignação ultrapassavam a todas as raias. A tempestade, não podendo attingir o Príncipe e os seus partidarios, recaia, tremenda, sobre os nossos representantes, sobretudo depois do seu parecer contrario á applicação das leis portuguezas, no Brasil, leis contidas na Constituição que havia pouco fora promulgada.

Ferreira de Moura termina o seu discurso, recheado de objurgatorias contra o Príncipe e a nação brasileira, despedindo a representação nacional: "Se vos não conven a união deste modo, deveis falar claro, podeis abandonar este posto quando quizerdes; deixae de ser colegisladores connosco... com tal dependencia



não queremos união." Exigia que as Côrtes forçassem o Príncipe rebelde a abandonar a Quinta de S. Christovam, onde só respirava "o halito de vis e adula-  
res conselheiros." Nas suas ousadas diatribes, não poupou as mais feias armas para demolir a reputação, justamente firmada, desse homem criterioso e probo que se chamou José Bonifacio de Andrada e Silva. Sabia ser elle a alma de todo aquelle movimento, o mentor seguro que dirigia os passos infirmes da nação, na conquista da sua independencia. Importava, por conseguinte, desprestigial-o, accusando de crimes e faltas que jamais commettera.

Campos Vergueiro, na sessão immediata, apresenta uma energica moção, "que terminava com a seguinte alternativa: ou o congresso reprova as phrases do deputado Ferreira de Moura como injustas e injuriosas ao Brasil, declarando que este tem tanto direito como Portugal á séde da monarchia, ou permitta os signatarios da moção darem por findo o seu mandato."

O Congresso fez-se de desentendido e abafou o incidente.

Nas ruas de Lisbôa, o povo erguia vivas aos deputados que nas sessões da Assembléa mais hostilizavam o Brasil. Ouçamos o que, a este respeito, nos relata um historiador inconcusso: "A maioria das Côrtes mostrou-se satisfeitiissima por haver tomado providencias energicas com que pensava refrear as aspirações dos brasileiros, e cortar os seus pensamentos e impetos de independencia. Applaudiu-se o povo de Lisbôa saudando nas ruas com vivas jubilosos os deputados que tinham approved as deliberações do Congresso, tocando musica ás portas das residencias dos seus mais fortes propugnadores, e insultando e apupando quantos se declaram em minoria..."

Taes eram as represalias e hostilidades contra os nossos representantes que sete delles, que se haviam peremptoriamente negado a subscrever e jurar uma Constituição, vexatoria e humilhante para o nosso progresso, sentindo-se ameaçados, veem-se na contingencia de embarcar clandestinamente, rumo á Inglaterra.

A população lisboeta, dando expansão aos seus sentimentos comesinhos de odio, corria, em tropel, desenfreadamente, as ruas da cidade, maltratando os brasileiros que encontrava na sua passagem, aos gritos de: Morram os traidores! Abaixo o Príncipe transfuga e desleal!

Se no ultramar as coisas não eram muito lisongeiras para a nossa causa, como vimos, á quem Atlantico surgem difficuldades de toda a especie. No proprio



Senhores campeões da causa nacional, declararam-se abertamente contra José Bonifácio que, bem avisado, só tomava as medidas que lhe dictava a sua reconhecida prudencia.

O norte vacillava entre a obediencia ás Côrtes e ao Regente. Vislumbrava-se nelle a tendencia desfarçada para obedecer a este, mas o receio das represalias o trazia suspenso.

A Bahia fizera-se o baluarte das forças portuguezas. Ahi Madeira de Mello mantinha, a ferro e fogo, o partido de El-Rei. Para isso, não trepidava em mandar espingardear o povo, inaugurando, nessa infeliz provincia, a mais famosa tyrannia de que se teve noticia, no tempo da Regencia.

Em compensação, o Rio todo ardia num immenso incendio em prol <sup>da causa</sup> da nossa independencia.

A 13 de Maio de 1822, data destinada a commemorar o anniversario natalicio de D. João, o Senado da Camara offerece ao Principe e á sua descendencia o titulo glorioso de "Defensor Perpetuo do Brasil", titulo que <sup>elle</sup> recebe com vivos signaes de satisfação.

Animados pela boa disposição do Regente, queremos patriotas assegurar o triumpho definitivo da grande causa. Pedem a D. Pedro a convocação de uma Assembléa Constituinte, incumbida de organizar os negocios da nova patria, cujo apparecimento já presentiam infallivel e proximo, no concerto das nações livres.

D. Pedro consulta o sentimento das varias provincias. Conscio de que aquelle pedido era a concretização exacta do sentir da alma brasileira, publica, a 3 de Junho, o decreto da convocação.

A 1 de Agosto, declara inimigas as tropas lusitanas que aqui desembarcassem, sem autorização expressa do governo regencial. E, nesse mesmo dia, dirige ao povo uma proclamação que assignala o rompimento definitivo dos velhos laços que prendiam o Brasil á antiga metropole. Nella dizia: "Do Amazonas ao Prata não retumbe outro eco que não seja independencia."

Estava assim firmada a nossa emancipação, na esphera especulativa. Restava agora firmal-a, na esphera pratica, ou o que vem a ser o mesmo, das realizações effectivas.

Logo após a proclamação do dia 1 de Agosto, já D. Pedro conta ás nações unidas das motivos que o haviam levado a resistir ás desobedidas pretensões das Côrtes.



é acção energica e efficaz do Principe. Delibera fazer uma viagem a Minas, onde a sua presença desperta o mais vivo enthusiasmo. Por onde quer que passe, vae deixando um rastro de apóstolos e defensores da cruzada patriótica.

Em S. Paulo, as dissensões compromettem o bom exito da marcha natural dos acontecimentos. Decide-se D. Pedro tambem a visitar aquella provincia e appellar para os sentimentos patrióticos do seu povo. "Bastou a presença do Principe, escreve alguém, para restabelecer a concordia entre os paulistas."

Depois de se ter demorado alguns dias na cidade de S. Paulo, quiz D. Pedro visitar egualmente Santos. Com effeito, para alli partiu, seguido de numerosa comitiva, no dia 5 de Setembro e, ao alvorecer do dia 7, já estava de regresso para S. Paulo.

No lugar denominado Moinhos, ordenou á sua guarda que passasse adiante e fosse esperal-o perto da cidade. A guarda avançou, fazendo alto nas margens do ribeiro Ipiranga.

A fatalidade dos acontecimentos havia escolhido aquelle scenario, obscuro até então, hoje altar consagrado á veneração do nosso culto patriótico, para o lance epico da nossa independencia.

Serian mais ou menos 4 horas da tarde do bellissimo sabbado (7 de Setembro), quando um emissario, enviado do Rio a toda a pressa, se apruzhou do Principe e lhe entrega uns papeis. Erao despachos, vindos de Lisboa, despachos em que se via o proposito deliberado das Côrtes de humilhai-o. Leira e a nação brasileira; cartas da Princeza e de José Bonifazio. Em sua carta ao Principe, aconselhava-o este a que puzesse termo, alli mesmo, em S. Paulo, a uma situação que não podia perdurar mais, tão dolorosa era para os brasileiros.

Conta-nos o Cons. Pereira da Silva a commoção de D. Pedro ao ler aquelles papeis: "O Principe permaneceu perplexo por algum tempo. Tomou pela segunda vez conhecimento de todos os despachos que recebera. Rebentaram-lhe dos olhos lagrimas visiveis ao notar e pesar a linguagem desusada do pae, que tão amigo sempre se lhe mostrára, e o tratava agora em termos tão rispidos e azedos"

Depois de se informar bem do seu conteúdo, <sup>D. Pedro</sup> o Principe calmamente, como quem medita em angustia, entrega as cartas e despachos ao seu ajudante de ordens, major Canto e Mello, e, num soliloquio, a meia voz: "Tanto sacrificio feito por mim, e pelo Brasil inteiro... e não cessam de cavar a nossa ruina!.. É uma decisão subita: "É preciso acabar com isto!..." Em seguida, arranca da espada e gri-



Independencia ou Morte!"-murmuram baixinho, no seu doce  
marulhar, as aguas tranquilladas do Ipiranga. E tudo, arvores, passaros e animaes,  
num concerto unico, pareciam repetir: "Independencia ou Morte!"

"Independencia ou Morte!" era o consumatum est de todas as ansias da alma  
brasileira; era a etapa, victoriosa e ultima, a assignalar, com marco de ouro,  
que findara, para o Brasil, o periodo negro das suas humilhações e soffrimentos;  
era a perspectiva sonhada, entre presagios funestos e amarguras immensas, da li-  
berdade, que alfim se realizava.

Ha momentos, senhores, em que o silencio diz mais da emoção que nos empol-  
ga do que as mais ardidadas e hyperbolicas palavras; momentos ha em que a pen-  
na se escapa aos dedos do narrador, paralyzados pelas tempestades da alma; mo-  
mentos ha em que o cerebro parece um organ inutil; momentos ha em que a vida  
reflue da peripharia dos organs externos para concentrar toda a sua activi-  
dade e pujança, no coração. Encontro-me num desses momentos. Quero proseguir e  
não posso. Falta-me a calma necessaria, o espirito analysta do historiador. A  
historia, como sabemos, não se faz com o coração, mas com o cerebro, e eu, neste  
momento, estou impossibilitado de raciocinar. Tambem, mais não é mister. Nos as-  
pectos, esta lista convicto, que as consequencias desse grado apoteo-  
tica que ficava sendo, para nós, o evangelho santo, onde a nossa fé patriótica  
se tem abeberado todas as vezes que as difficuldades se levantam para empecer  
a nossa marcha vertiginosa rumo <sup>ao</sup> Pantheon do progresso e da civilização.

É justo que rememoremos aqui, agora que uma aura benefica de fé <sup>e idealista</sup> perpassa  
pela alma <sup>do povo</sup> paduana, impregnando-a dos perfumes celestiaes dos ensinamentos de  
Jesus Christo, rememoremos aqui a figura excelsa do Pe. Idelfonso Xavier. Foi  
elle, o intimatoro patriota, que consagrou definitivamente, no recinto do Thea-  
tro paulista, o brado do Ipiranga, proclamando D. Pedro rei do Brasil. Era a voz  
da Religião que tambem soffrera com a Patria, da Religião que sacrificara mui-  
tos de seus filhos á causa da emancipação nacional, que, na sollemnidade daquel-  
la hora, se fazia ouvir.

Senhores, lá fóra, nas <sup>nas praças e avenidas</sup> grandes cidades, a multidão estua; o Brasil delira no  
mais santo dos transportes; as armas passam no dorso pesado das carretas ou  
nos hombros herculeos da soldadesca ovante; a nação vibra aos accordes arre-  
tatadores do hymno nacional, na gloria das comemorações. Incorporemo-nos, se



15  
coração ao menos, a taes manifestações civicas, tributadas com justiça e amor a esta grande Patria, que aprendemos a venerar e a respeitar desde a nossa infancia.

De joelhos perante a sua imagem sacrosanta, consagremos-lhe o incenso das nossas homenagens.

Nós te saudamos, ó Brasil, na polychromia das tuas campinas orvalhadas; nós te saudamos, ó Brasil, na extensão illimitada do teu céu eternamente azul; nós te saudamos, ó Brasil, no lençol gigantesco das tuas aguas crystalinas; nós te saudamos, ó Brasil, na apothese das tuas mattas seculares; nós te saudamos, ó Brasil, no brilho diamantino dos teus astros incomparavelmente bellos; nós te saudamos, ó Brasil, na fecundidade inegualavel das tuas terras ubertosas; nós te saudamos, ó Brasil, na riqueza proverbial dos teus apreciados minerios; nós te saudamos, ó Brasil, na gloria immarcessivel da tua fauna; nós te saudamos, ó Brasil, por tudo o que foste, no passado; nós te saudamos, ó Brasil, por tudo o que és no presente; nós te saudamos, ó Brasil, por tudo o que possas ser no futuro. Bendita sejas, Terra de Santa Cruz.